

EDITORIAL

O número 2 do volume 2 da revista Estado da Arte está estruturado em três seções: Dossiê, Artigos e Autoria. O Dossiê “Circuitos Experimentais e Alternativos de Produção, Instauração e Circulação da Imagem e do Objeto Artístico” foi organizado pelos pesquisadores Almerinda Lopes e Marco Pasqualini de Andrade e enfatizou a relevância e a atualidade deste tema, sobre o qual convergiram os seis trabalhos reunidos para esta edição. Estes trabalhos discutiram as proposições alternativas e experimentais na arte; os estatutos contemporâneos da imagem nas artes visuais; bem como seus modos de inserção e circulação.

Ainda para a mesma edição recebemos um conjunto significativo de submissões espontâneas, de amplitude temática e conceitual, entre as quais selecionamos os trabalhos que compõe a seção Artigos. São textos que refletem a condição contemporânea na qual a natureza, a paisagem, o espiritual e o lúdico se atam à arte como possibilidades de resistência, reação e invenção.

O artigo que abre a seção é parte de uma pesquisa-criação do artista Alexandre Melay. Da sua prática artística pessoal ele coloca a questão da representação do espiritual. Para tanto reinterpreta os fundamentos das exigências espirituais das práticas do Zen Budismo e busca transcrever essa dimensão espiritual através de trabalhos com estética minimalista específica das filosofias do vazio. É de Melay a obra “MIND”, pintura em laca sobre tela, cuja imagem foi cedida gentilmente para a capa dessa edição.

Os processos de criação estão no foco de mais dois dos artigos desta seção. As perspectivas, no entanto, são de autores-docentes, sendo que o artigo de Morelos León Celis parte de processos criativos de três artistas em formação em artes visuais na Escola Nacional de Pintura, Escultura e Gravura “La Esmeralda” na Cidade do México e o artigo de Geraldo Freire Loyola apresenta experiência de desenho de observação e de criação desenvolvida em projeto desenvolvido com alunos de EJA (Educação de Jovens e Adultos) em uma escola da rede municipal de Belo Horizonte, Brasil.

Loyola discorre sobre a importância da metodologia na condução das proposições e sobre o lugar da percepção e da imaginação no processo do fazer artístico. O projeto conduzido por ele - exercícios para desenhar metrópoles - abordou o tema das cidades como espaço de vivido. Celis reflete, em sua atividade docente, a ressonância dos efeitos da pandemia de COVID-19 nos processos criativos. Expõe os desafios e oportunidades do trabalho pedagógico na formação artística em tempos adversos e de confinamento, explorando as atmosferas introspectivas de criação, os conceitos de vulnerabilidade, pertencimento e memória presentes em narrativas autorreferenciais.

O contexto da pandemia é também a perspectiva de reflexão para as questões postas por Douglas de Paula relativas às interfaces telemáticas para exposições on-line. O artigo foca a questão da potencialidade estética destas manifestações vistas à luz do que definiu como “passagem da lógica do cubo branco para a esquemática da janela de ébano”. Também se debruça sobre as questões do espaço expositivo, o artigo de Lucas Cunha e Biagio D’Angelo. Na abordagem dos autores, as instalações colocam a pintura de paisagem em um campo expandido. Para tanto eles examinam duas obras, “Riverbed”, de Olafur Eliasson, e “Paraíso”, de Oscar Oiwa, atualizando os conceitos básicos da teoria sobre a paisagem.

Também a paisagem é o objeto central do artigo Anésio Azevedo Costa Neto e Nivalda Assunção de Araújo. Acorada no processo criativo inerente à performance audiovisual “Projeto: Cerrado – Primavera” a reflexão dos autores se volta para as materialidades sonoro-visuais, entendidas enquanto abstrações ou excertos da experiência do artista Anésio, advinda de suas vivências no Cerrado. Já o artigo de João Paulo Campos Peixoto e Luis Eduardo dos Santos Borda explora o paisagismo de Roberto Burle Marx a partir de suas relações com a arte abstrata, sobretudo a partir da ideia da “contaminação” entre os campos da arquitetura e das artes visuais. O texto traça um paralelo entre os projetos paisagísticos de Burle Marx e a obra abstrata do artista Hans Arp. Tem como estudo de caso os jardins do Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte (MG).

Alexandre Gonçalves, Leonardo Morais Lopes e Helenise Monteiro Guimarães observam a transformação do carnaval carioca, de manifestação cultural popular, em um complexo objeto de estudo. Consideram, na sua análise, além da estrutura funcional e organizacional, a multiplicidade de linguagens de diversos campos: música, dança, artes visuais, literatura, política e economia, entre outras esferas. Ponderam que, devido a essas características, o carnaval ressignificou o artista responsável pelo desenvolvimento da narrativa e do aspecto visual das escolas de samba: o carnavalesco.

São as palavras-chave animalismo, bestiário e taxidermia que fecham a seção Artigos. Para o autor, Marco Túlio Lustosa de Alencar, a falta de um termo que identifique a constância e a presença do animal na arte, é premissa para observar obras nas quais o uso do corpo de animais contribui para moldar um vocabulário plástico-poético na arte contemporânea.

Para a seção Autorias, selecionamos o trabalho de Andressa Boel: BICICRUZE. Trata-se de um conjunto de imagens que documenta e narra a residência artística desenvolvida no distrito de Cruzeiro dos Peixotos, em Uberlândia-MG, com um grupo de crianças, tendo a concepção e produção de bicicletas não tradicionais como objeto. As fotografias mostram o resultado de gambiarras e assemblagens de peças reunidas pela artista afim de, segundo ela, imaginar e redesenhar as possibilidades do mundo bicicletável.

Com as questões do mundo, nem sempre suaves, atravessadas pela criação e pela imaginação, que seguimos, provocando o pensamento e o fazer pensar o estado da arte. Boa leitura!